

Resenha

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

por André Filardi

filexis@yahoo.com.br – UFSCar

O livro “O Mestre Ignorante” de Jacques Rancière é uma obra da Filosofia da Educação que se propõe a discutir os métodos educacionais vigentes no século XIX que, com poucas variações, segundo nossa interpretação, chegaram até a atualidade. Portanto, o autor remonta à época da Ilustração, mas para acentuar que, em termos de metodologia educacional pouco se alterou, nas condições das escolas tradicionais, a metodologia de ensino empregada para o século XX. Mas, para além da descrição da pedagogia usual Rancière, com uma história instigante sobre a experiência específica de um professor francês exilado na Holanda, traz à tona uma discussão importante sobre as possibilidades de emancipação que novas metodologias de ensino poderiam trazer para o meio educacional que, no caso do século XIX, era tão permeado pela ideologia humanista, positivista, mas também pela escolástica (teoria da educação ligada ao cristianismo). De toda forma, a escola do século XIX era apoiada nos métodos tradicionais, na repetição e na descrição, nos estudos conteudistas e na explicação. Rancière, com seu livro, defende a educação emancipatória, métodos de ensino que levariam à autoconstrução do sujeito e às abordagens diferenciadas, como o próprio construtivismo. Vamos ao livro.

Uma experiência pedagógica inédita leva um professor francês da virada dos séculos XVIII para o XIX a pensar sobre a metodologia e Filosofia da Educação daquele tempo. A experiência foi tal: como participante ativo da revolução de 1789, Joseph Jacotot trabalhou em diversas funções institucionais para o governo, inclusive como professor naquela época. Com a restauração de poder dos Bourbons e da nobreza na França, Jacotot foi ao exílio nos Países Baixos.

Lá, assume uma turma de estudos em línguas clássicas e as dificuldades aparecem, pois seus alunos tinham um conhecimento irrisório do francês e ele, tampouco, conhecia o holandês.

Jacotot, então, é levado a encontrar uma forma de comunicação possível, algo que mediasse suas atividades com os alunos. Por essa época saía uma edição francês-holandês de *Telêmaco*. Este foi o meio utilizado por Jacotot para iniciar seus trabalhos. Propôs aos alunos, por meio de intérprete, que lessem o *Telêmaco* bilíngue e se exercitassem no francês o máximo possível. Ao cabo de algum tempo qual não foi sua surpresa ao notar que os holandeses se deram tão bem na tarefa quanto qualquer pessoa que tivesse um bom conhecimento do francês.

A partir dessa experiência, refletiu que o ensino poderia se configurar sem mestre explicador, ou seja, refletiu que os métodos educacionais vigentes até aquela época, nos quais se colocava uma ênfase excessiva nas explicações de um mestre, um professor, poderiam ser repensados. E desenvolveu, a partir dessas ideias iniciais, o ensino universal e o método universal que constituem em levar as pessoas a desenvolverem suas capacidades de maneira mais autônoma, emancipadora, conforme ele coloca.

Ao mestre caberia propor, por exemplo, que o aluno, a partir de *Telêmaco*, aprendesse a ler comparando e relacionando os fatos, exercitando e decorando as letras, palavras e assim por diante.

A base do método é o reconhecimento de que todas as inteligências são iguais e que o professor não precisa, necessariamente, saber da matéria que está ensinando, mas deve acompanhar o trabalho do aluno a partir da materialidade do objeto e de seu discurso. As perguntas, portanto, seriam em torno de tal eixo: o que vê? O que pensa? O que fazes com isto? Jacotot vai mais longe ao propor que seu método leva à emancipação enquanto que o método utilizado até então, e que tem por base a explicação e a hierarquia entre professor/aluno, entre quem é instruído e quem não é, opera sob a **lógica do embrutecimento**.

Assim, a educação reproduziria as diferenças que ela mesma se propõe a reduzir. Se a redução das desigualdades é o objetivo, então há que se considerar que todas as inteligências têm capacidades semelhantes de aprendizado. Neste sentido, embrutecimento

é a submissão do aluno à inteligência do professor e emancipação é a capacidade de operação em todos os sentidos, operar de forma autônoma: “... aprender qualquer coisa e a isso relacionar todo o resto, segundo o princípio de que todos os homens têm igual inteligência”. (RANCIÈRE, 2002). Tudo está em tudo.

Discute-se muito sobre a igualdade ou a desigualdade das inteligências. Argumentos dos defensores da desigualdade são no sentido de afirmar o espírito como causa de grande inteligência, ou seja, algo inato, porém, não material, daria a qualidade para os grandes homens. Desconsideram estes as circunstâncias sociais e operacionais do desenvolvimento do ser humano e acreditam inata a desigualdade assim como folhas desiguais que caem de uma árvore. Esses pensadores seriam, com certeza, os artífices do embrutecimento para a educação e o desenvolvimento do raciocínio. Seriam aqueles que visualizam que para o processo de ensino-aprendizagem são necessárias explicações e o bom entendimento depende de quão espirituoso é quem as ouve.

Em prol da igualdade das inteligências há o argumento de que uma inteligência pode ser maior se for mais treinada, mais atenciosa e tiver mais vontade. Para aqueles em que a inteligência serve ao trabalho manual não se exercita a inteligência intelectual, ou se exercita menos. Diz Rancière, seguindo a teoria de Jacotot: “É inútil dizer se sua inteligência "menor" (a do homem do povo) é um efeito da natureza ou da sociedade: eles desenvolvem a inteligência que suas necessidades e circunstâncias exigem. Ali onde a necessidade cessa, a inteligência repousa, a menos que uma vontade mais forte se faça ouvir e diga: continua; vê o que fizeste e o que podes fazer se aplicares a mesma inteligência que já empregaste, investindo em toda coisa a mesma atenção, não te deixando distrair em teu caminho”. (RANCIÈRE, 2002).

Mais uma importante característica da inteligência, da educação e do raciocínio fica explícita nessa passagem, que é o papel da vontade. Segundo Rancière, Jacotot argumenta que em muitos casos o mais complexo é romper com a pouca disposição que algumas pessoas têm para com a instrução, o aprendizado. E esse argumento é bastante sóbrio. Por exemplo, ouve-se dizer muitas vezes daqueles para quem se propõe alguma nova instrução: “Eu não posso, eu não consigo”. Diz Rancière, esta frase também significa: “Eu não quero, não estou disposto a me movimentar, eu não preciso desse esforço” (RANCIÈRE, 2002).

Mais a frente, aparece a vontade como característica relevante para o desenvolvimento do raciocínio, da inteligência: “O homem é uma vontade servida por uma inteligência”. Ou seja, onde estiver disposto a ir está aí a sua inteligência para levá-lo!

Assim, a inteligência não é inata, nem natural, pode até haver uma base natural, mas as circunstâncias pessoais, sociais e materiais vão ser predominantes para levar a pessoa ao grau de abstração e raciocínio a que ela se propõe. Interessante, porque até certo ponto isto é uma questão de escolha. As suas experiências no mundo, sua condição material, seu grau de emancipação e autonomia e vontade vão leva-loar para tal ou qual caminho. E, não necessariamente, este desenvolvimento passa pela instrução formal, pela escola ou pelo professor: “... a inteligência está em cada unidade intelectual, a reunião dessas unidades é necessariamente inerte e sem inteligência...”. (RANCIÈRE, 2002).

Por ter se deparado com críticas e divergências fortíssimas ao seu projeto de método universal e à sua escola, que foi acusada de “escola das trevas”, Jacotot divaga sobre a inteligência e como ela se comporta em sociedade. Afirma ele que a inteligência tem sua base no indivíduo e que, quando reunida, funcionaria como a lei da gravidade, ou seja, teria comportamento físico, irracional.

Aqui, demonstra Jacotot uma mágoa e um tanto de ingenuidade acerca da sociedade. Devia ele saber que novos métodos não são aceitos assim de bom grado, principalmente, por tradicionalistas e conservadores. Estes veem nessas propostas a transformação da sociedade, a quebra das hierarquias, o desrespeito às normas, enfim, aquilo que mais lhes afligem.

Não é que em sociedade a inteligência fique resguardada ao indivíduo, mas é que aí entra em ação o caráter político de nossas instituições, o que Jacotot entende como muito racional é o próprio conceito de subversão para os tradicionalistas, portanto, direcionarão seus esforços políticos para afastar o método universal de seus países. Jacotot, obviamente sabia disso, mas preferiu atacar a cognição. Mais tarde será necessário refletir sobre o caráter político de suas propostas.

A inteligência existe em conjunto, mas como inteligência mediada, como ser social, não se apresenta homogênea ou consensual sendo , inclusive, um dos princípios da sociedade: “Assim, o mundo social não é apenas o mundo da não razão, mas o da desrazão, isto é, de

uma atividade da vontade pervertida, possuída pela paixão da desigualdade”. (RANCIÈRE, 2002). Percebe-se que, neste ponto, temos um vislumbre da Ilustração que, como teoria da sociedade, afirma o indivíduo como organismo básico para a formação social. A paixão pela desigualdade seria construída pela sociedade no momento em que seria necessário pensar ou agir sob a égide do desprezo, da preguiça. A possibilidade de comparação entre os indivíduos hierarquizando a ordem social mantém a desigualdade, mas ninguém estaria disposto a mudar essa ordem.

Jacotot enxerga aí o princípio da desigualdade. Mas, esse é o princípio da identidade. O fato de se reconhecer diferenças entre os sujeitos não deve ou não deveria levar à desigualdade. Há a possibilidade de a sociedade justamente reconhecer diferenças e, portanto, aí em uma igualdade de condição.

De que adianta desafirmar a sociedade para afirmar o indivíduo? A própria linguagem, que é colocada como instrumento de submissão e poder, é também meio de emancipação, e existe apenas sob as insígnias sociais. Apenas o indivíduo isolado do contato social não cria linguagem, significado, dessa forma como poderia se emancipar?

Se apenas existe inteligência isolada, toda forma de cultura e simbologia são desprovidas de conteúdo, de forma. Qual, por exemplo, é o papel da arte nesse contexto? Como se entende uma poesia senão pelo diálogo?

Que a linguagem é usada como instrumento de poder não há dúvidas. Que a retórica serve como elemento mais de dissuasão do que de esclarecimento, também. Mas a retórica é o diálogo entre o indivíduo e a sociedade, é uma representação de seus caracteres. Como haveria a compreensão e a comunicação se estes não compartilham as mesmas idéias?

“O homem pode ser dotado de razão, o cidadão não pode sê-lo. Não há retórica razoável, não há discurso político razoável”.

Mas, como pode haver homem senão pela linguagem? Como pode haver linguagem sem o discurso? Como pode haver discurso sem a política?

A crítica que se estabelece é plausível e ela atenta ao fato principal da desigualdade entre os homens reproduzida através da educação e do discurso. Situa a origem da desigualdade em uma sociedade pautada pelos ideais iluministas, racionalistas, em um mundo onde o objeto

deve ser descoberto, racionalizado, esclarecido. E existem pessoas mais aptas e pessoas menos aptas ao esclarecimento para o uso da razão.

Porém, a saída deste paradigma está justamente na ação política que o argumento de Rancière e Jacotot querem desconsiderar.

Pois, se existe um discurso da desigualdade é apenas com um discurso da igualdade que se pode desconstruir o primeiro. Não basta desafirmar o aspecto político da humanidade para regressar ou advir ao mundo da igualdade. Porque desafirmar o cidadão, a linguagem e a sociedade é desafirmar a própria sociedade, é desafirmar a própria humanidade que assim se estruturou.

O que Jacotot desenvolveu com seu método universal é antes de tudo um discurso político contra o racionalismo, contra as origens do que viria a se tornar o positivismo. E o método universal afirma a igualdade, a arte, a poesia, a criatividade, mas, também, o trabalho, o empenho, a força de vontade. Pretende movimentar forças sociais para a transformação de uma visão de mundo e de uma situação de mundo.

Tomar consciência da situação de reprodução do discurso hegemônico é um ato político que afirma o próprio homem. Há que se convencer a própria humanidade, aqueles que estão no papel de propositores da prática educacional e aqueles que estão no papel de receptores dessas práticas, a entender e buscar uma educação menos automática, menos burocrática, menos enfadonha para uma prática que se possa chamar até de libertária, papel este por si só gigantesco.

Assim, Jacotot chega à conclusão de que o seu método universal não é próprio para as instituições, ou seja, não há possibilidade de relação entre o ensino formal, a escola, ou qualquer outra instituição ligada ao estado ou não e o ensino universal. Pois que, de alguma forma, o método universal é mais uma forma de emancipação do que de instrução. É maior do que instrução. Pode o emancipado se instruir por qualquer método pedagógico e até pelo autodidatismo. A partir do momento que se toma consciência da igualdade das inteligências é como se todas as portas se abrissem. E por isso mesmo, o ensino universal é contrário às instituições. É claro que em seus meandros Jacotot não está a criticar apenas a educação formal em seus moldes ocidentais, mas o estado e suas instituições e a Filosofia Ocidental. A emancipação fica a cargo do ambiente familiar.

O contexto em que o método universal é proposto é um período de grandes transformações sociais: está fervilhando no início do século XIX a Ilustração e o espírito de progresso. Assim como há uma tentativa de resistência da velha ordem social às transformações que ocorrem cada vez com maior dinamismo. Mas esse espírito para o progresso, como bem nota Jacotot, é impregnado de elitismo e preconceitos à moda antiga. Assim, até para as mentes mais progressistas da época, é complexo aceitar o ensino universal aos moldes de seu fundador: “tudo está em tudo”.